



Mário Abrantes

## 25 com o cutelo sobre o pescoço

São mulheres na sua maioria e trabalham na Fábrica de Tabaco Micaelense (FTM), em Ponta Delgada.

Sobre elas paira, desde há uns dias atrás, a ameaça expressa de um despedimento coletivo a breve prazo, por parte do Conselho de Administração da empresa.

O pretexto do patronato para esta inquietante ameaça sobre as trabalhadoras é o aumento da carga fiscal nos produtos do tabaco previsto na proposta de Orçamento Geral do Estado (OGE) que irá ser debatida na especialidade a partir de 23 até 29 do corrente mês, na Assembleia da República.

A FTM, com 157 anos de idade, é a mais antiga do setor em Portugal, tendo tido como seu primeiro sócio-gerente José Bensaúde.

Na sequência da revolução de 25 de Abril de 1974, foi nacionalizada e em 1980 foi entregue à Região Autónoma dos Açores. A fábrica manteve-se no setor público regional até maio de 1995. Nesta data, por decisão do governo de Cavaco e Silva, estando ainda Mota Amaral na presidência do governo regional, a fábrica foi reprivatizada e ficou ligada à Tabaqueira Portuguesa, por sua vez também reprivatizada como subsidiária da multinacional Philip Morris até 2001. Nesta data, um grupo de empresários açorianos adquiriu-a e, dada a quebra sucessiva do consumo do cigarro tradicional, diversificou a sua atividade, enveredou pela hotelaria e o alojamento local, e adquiriu a empresa distribuidora madeirense Tabacom, contando hoje com cerca de 100 trabalhadores no ativo.

Nunca, entretanto, a fábrica deixou de produzir as suas cigarrilhas, em exclusivo a nível nacional, participando num nicho de mercado específico e restrito (1,7% do mercado em 2022), que tem clientela fiel, resiliente e capaz de suportar altas relativas do preço do produto, sem deixar de o consumir. Ora é precisamente esta linha de produção, onde trabalham atualmente as 25 pessoas ameaçadas de despedimento, que a administração da empresa ameaça encerrar por causa do aumento do imposto previsto na proposta do OGE.

Nada obsta a que devido à especificidade do produto em causa, ao seu pequeno peso relativo no mercado, à necessária e devida proteção contra os sobrecustos da insularidade e às suas características menos prejudiciais à saúde (se comparadas com a grande massa dos atuais produtos

do tabaco), se façam todos os esforços para tentar reduzir a dimensão do aumento da taxaço previsto na proposta do OGE. Mas daí a afirmar de forma concludente, como afirma a administração da empresa, que não sendo possível-essa redução, isso significaria uma perda insuportável de rendimento para a FTM e o despedimento coletivo de 25 trabalhadores, parece-me não ser tão garantido assim.

Além do mais, por razões de saúde pública hoje óbvias, não parece possível evitar a médio prazo a continuidade do progressivo aumento da taxaço deste tipo de produtos e, como tem acontecido com a FTM, em consequência disso mesmo ela tem vindo a diversificar as suas áreas de intervenção e a sua produção, o que pressupõe reenquadramento, formação e requalificação do pessoal, muito antes de qualquer despedimento, como aliás tem sido feito.

A FTM tem a honrosa tradição de nunca ter despedido pessoal e é absolutamente essencial que se empenhe devidamente em continuar assim.



Terry Costa \*

## Se está tudo bem, por favor paguem os protocolos da Cultura

Ouvindo os nossos deputados que compõem o Governo Regional dos Açores até parece que está tudo bem na Região. Minhas senhoras e meus senhores, se está tudo bem, por favor paguem os protocolos da Cultura.

Estamos quase a terminar o décimo primeiro mês do ano de 2023. O maior parceiro financeiro da MiratecArts é a Região. Este ano, também tem sido o maior causador de stress, e pela primeira vez desde a fundação da associação, o causador de dívidas a fornecedores de alojamento, gráficas e outros serviços, direitos de autor, e até artistas que vivem da sua arte. São pais e mães que contam com essas migalhas, mas as migalhas afetam todos nós. Só não devemos à SATA, e a outros, porque não dão fiado. E como temos pago esses serviços?

A MiratecArts é uma associação cultural sem fins lucrativos, gerida 100% por uma direção voluntária, a qual eu sou o Presidente. Durante 2023, alguns dos diretores da associação, além de se dedicarem voluntariamente à causa cultural artística, têm avançado verba do seu bolso para que os projetos não sejam cancelados. Alguns projetos são produzidos com municípios, por isso não foram afetados. Mas, a

meia dúzia dos 42 projetos que a MiratecArts tem no seu calendário cultural regional, que são possíveis com o financiamento do programa RJAAC da Direção Regional dos Assuntos Culturais, necessitaram de uma injeção de verba pelos nossos voluntários, ou teriam sido cancelados.

São cartões de crédito pessoais que estão a aguentar os grandes projetos culturais artísticos. O juro quem o paga são os voluntários.

É uma vergonha que chegámos a este ponto. E, a única resposta, até hoje, vinda da Direção Regional dos Assuntos Culturais, é que “aguarda as devidas autorizações por parte da Direção Regional do Orçamento e Tesouro para o respetivo pagamento.”

Se está tudo bem, por favor, minhas senhoras e meus senhores do Governo Regional dos Açores, paguem os protocolos da Cultura. As portas nunca estiveram tão perto de se fecharem...